



O APAGAMENTO DO DITONGO /OW/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO EM ANANINDEUA/PA

Arnol Walber Silva Rosa (UEPA/GELIC)¹
arnolwalber@gmail.com

RESUMO: A partir do pressuposto de que a língua apresenta variação, a pesquisa em questão pauta-se na sociolinguística variacionista, na qual se propõe a verificar os critérios que condicionam o apagamento do ditongo oral decrescente /ow/ no português falado em Ananindeua, localizado na Região Metropolitana de Belém, além de ser o segundo município mais populoso do estado do Pará. A pesquisa é de cunho quanti-quantitativa devido fazer análises de dados linguísticos e possui como técnica de coleta as entrevistas com os sujeitos nativos do município em questão, vale ressaltar o uso de fichas, nas quais contém o perfil de cada informante. Como base teórica sobre o fenômeno estudado foi utilizado Lopes (2002), Pereira (2004) e Cristofolini (2011), além dos teóricos da corrente variacionista. A pesquisa concentra-se na variação de ordem fonético-fonológico, além de selecionar o grau de escolaridade e status social como condicionantes extralinguísticos, estes são fatores considerados determinantes para a compreensão do fenômeno estudado.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística variacionista. Fonético-fonológico. Monotongação.

ABSTRACT: Based on the assumption that the language presents variation, the research in question is based on the variational sociolinguistics, in which it is proposed to verify the criteria that condition the erasing of the decreasing oral ditongo /ow/ in the Portuguese spoken in Ananindeua, located in the Region Metropolitana of Belém, besides being the second most populous municipality in the state of Pará. The research is of a quantitative-quantitative nature due to the analysis of linguistic data and has as a technique of collection the interviews with the native subjects of the municipality in question, it is worth noting. The use of records, in which it contains the profile of each informant. As theoretical basis on the studied phenomenon was used Lopes (2002), Pereira (2004) and Cristofolini (2011), besides the theoreticians of the current variation. The research focuses on the variation of phonetic-phonological order, besides selecting the degree of schooling and social status as extralinguistic conditioners, these are factors considered determinants for the understanding of the phenomenon studied.

KEYWORDS: Variationist sociolinguistics. Phonological-phonological. Monotongation.

1 Introdução

Com a área de concentração na sociolinguística variacionista, o presente estudo propõe-se a analisar o apagamento do ditongo oral decrescente /ow/ no português brasileiro falado no município de Ananindeua, localizado na Região Metropolitana de

¹ Graduado em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará. Voluntário no Grupo de Estudos de Línguas em Contato.



Belém no estado do Pará, em especial o fenômeno da monotongação como um fator que condiciona a supressão da semivogal no ditongo. Para analisar o fenômeno da monotongação ocorreu a revisão da literatura da área, como: Lopes (2002), Pereira (2004) e Cristofolini (2011), além da base teórica variacionista Alkmin (2001), Bagno (2007), Beline (2007), Coelho *et al* (2015), Monteiro (2000) e Viotti (2013), estes que possuem como base a teoria variacionista laboviana.

Desde o modelo saussuriano que a língua possui o tratamento voltado para o modelo abstrato, segundo Monteiro (2000) esse fato impulsionou Willian Labov a elaborar quatro dificuldades metodológicas que inviabilizaram a coleta de amostras de fala dos indivíduos por certo tempo, em especial a variação na fala. Dessa forma, com o objetivo de comprovar a variação no sistema linguístico a presente pesquisa buscou quantificar o uso das variantes padrão (ditongo) e não-padrão (monotongo), visto que se busca comprovar “ [...] que o caos aparente dos discursos individuais está sujeito a sistematização e análise.” (MONTEIRO, 2000, p. 33)

Ao tratar de variação faz-se a correlação com a Sociolinguística, devido a seu nível de abrangência. Nesse contexto, adota-se um estudo da língua associada à sociedade em que ela é falada, ou seja, o estudo da variação e da mudança numa perspectiva sociolinguística, como propõe Bagno (2007); no entanto, faz-se necessário utilizar uma visão histórica mesmo que minimamente sobre o fenômeno. Nesse viés, o presente estudo visa descrever e analisar a realização da variável do ditongo /ow/ na fala de Ananindeua.

Em síntese, o presente artigo irá ocupar-se com o ditongo, considerado por Silva (2013) como “[...] uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica.” (p. 73). Dessa forma, pretende-se compreender se os fatores linguísticos influenciam e/ou determinam a redução dos referidos ditongos, além de investigar se há relação entre certas características sociais dos informantes e a monotongação.

2 Ditongo versus Monotongo

Segundo Tarallo (1989) desde o Latim Clássico podemos inferir a realização dos ditongos em uma grande variedade, em especiais os decrescentes, já que havia dois ditongos com semivogal anterior /ae/ e /oe/ e dois com semivogal posterior /aw/ e /ew/. Após processos fonológicos, o Latim Vulgar, segundo Tarallo (1989), foi marcado pela consonantização das semivogais pré-vocálicas; no entanto, vale ressaltar que este processo afetou basicamente os ditongos crescentes.

É importante ressaltar que com o tempo os ditongos passaram por alguns processos fonológicos, os quais caracterizam a variedade destes, desde a transição do Latim para o Português Brasileiro (PB). Nesse contexto de evolução da língua, o PB é marcado por novos ditongos, este termo consiste:

O termo ditongo (“dois sons”), que se aplica a um fenômeno fonético, não cabe nesses exemplos, que retratam simplesmente a convenção ortográfica que ainda conserva, na escrita, as duas letras vogais antes do x. O que acontece é que esses “monotongos” podem vir a se ditongar em situações bem específicas, tal como a redução da velocidade da fala com finalidade de dar ênfase ao enunciado. Pensemos, por exemplo, no uso das palavras *louco* e *loucura* quando usadas de modo afetado para indicar coisas surpreendentes ou muito boas: “Foi uma *louuucura!*” (BAGNO, 2001, p. 60-61)

No entanto, há à ocorrência da transformação de alguns ditongos em monotongos, a partir de critérios analisados por sociolinguistas. Dessa forma, a monotongação na concepção de Câmara Jr (1977) consiste:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiente (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa), como fecha. (p. 170)

Para Cristofolini (2011) o monotongo é um fenômeno que se encontra em variação no PB, em especial nos casos [ai], [ej] e [ow], sociolinguisticamente pode ser considerada uma mudança em curso, já que o ditongo é mantido e, as vezes, a semivogal é apagada. Considerando a revisão da literatura da área, ou seja, estudos realizados por pesquisadores sobre o fenômeno da monotongação, faz-se necessário verificar a forma de tratamento atribuído ao caso.

Partindo dos estudos de Lopes (2002) desenvolvido no município de Altamira no estado do Pará, no qual a autora preocupou-se em registrar a fala informal e espontânea dos moradores da referida cidade. Concentrando-se no apagamento das semivogais [w] e [y] nos ditongos orais e concebendo está como regra, seguindo o exemplo em: a) *louça ~ loça*; b) *roupa ~ ropa*.

Lopes (2002) com o objetivo de comprovar que à medida que a regra se sustentava no português falado em Altamira/PA, a autora chegou à conclusão de que o [o] possui frequência de 95% de realização em detrimento do ditongo conservado, comprovando o uso da regra da supressão. Lopes (2002) analisa o ditongo quanto a sua posição na palavra, o contexto fonético seguinte e o contexto fonético precedente, e pode concluir que 99% da frequência está diretamente ligada à variante optimal e 1% de frequência a variante minoritária.

Na região sul do Brasil há estudos acerca do fenômeno da monotongação, para tanto Pereira (2004) ocupou-se em estudar a monotongação dos ditongos orais tônicos no português falado no município de Tubarão no estado de Santa Catarina, partindo da regra utilizada por Lopes (2002), como em *touro ~ toro*. Pereira (2004) caracteriza os ditongos como:

[...] do ponto de vista fonético, são vogais que mudam de qualidade durante sua produção: a articulação parte de um ponto dentro da área vocálica e se dirige a outro, nesse movimento a vogal vai assumindo a qualidade vocálica dos lugares por onde passa. Isso é detectado por aparelhos especiais. O ouvido humano ouve de forma saliente apenas as qualidades vocálicas do início e do final desse movimento. (PEREIRA, 2004, p. 19)

Pereira (2004) considerou para investigar e descrever o processo de apagamento das semivogais a natureza social (idade, sexo, escolaridade), natureza diatópica (região e grupos étnicos específicos) e natureza diastrática (classe social, profissão, dentre outros fatores). A autora utilizou como dados textos orais telenovelas e publicitários, além de escritos de informantes tubaronenses de primeira série do ensino fundamental.

Pereira (2004) verificou que na referida cidade ocorre o apagamento na pronúncia dos ditongos orais, a partir das variáveis linguísticas e extralinguísticas, dialogando com Lopes (2002). Nesse contexto, a autora ressaltou que na pronúncia encontrou poucas semivogais em estudo.

Outro estudo importante desenvolvido na região sul sobre a monotongação foi de Cristofolini (2011), no qual ocupa-se como o falar florianopolitano a partir de uma perspectiva acústica e sociolinguística. Cristofolini (2011) visa analisar a monotongação no ditongo oral decrescente /ow/ e considera esse fenômeno como o “[...] apagamento da semivogal de um ditongo, reduzindo o encontro vocálico: vogal mais semivogal (ditongo decrescente), para uma vogal.” (p. 207).

Cristofolini (2011) parte da estratificação dos sujeitos pelo nível de escolaridade (superior e fundamental), além do contexto fonético como condicionador interno à língua. A autora verificou a ocorrência de 10 ditongos e 125 monotongos, comprovando a mudança fonética do ditongo em monotongo com 93% de frequência, além de dialogar com Lopes (2002) e Pereira (2004). Em um contexto interno à língua, verificou-se que a porcentagem de monotongo de /ow/ quanto a tonicidade está propenso ao pretônico, em detrimento doônico e do átono.

Nesse contexto, por meio da análise da literatura da área, em especial, Lopes (2002), Pereira (2004) e Cristofolini (2011) conclui-se que o ditongo /ow/ pode sofrer monotongação em qualquer contexto fonético. Vale ressaltar que as autoras dialogam quanto à supressão da semivogal do ditongo analisado no presente artigo, além de seguir a mesma regra para analisar o processo em curso.

3 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa concentra-se na área de estudos da sociolinguística variacionista, devido ocupar-se em compreender como organiza-se a variedade linguística de determinada região. O tipo de pesquisa é quanti-qualitativa devido fazer o levantamento de dados e buscar conhecer o fenômeno estudado.

Com o objetivo de verificar o apagamento do ditongo oral decrescente /ow/, foram coletadas amostras de fala, as quais totalizaram seis informantes nascidos no município em questão ou que já residem no mínimo um terço de vida no município de Ananindeua, Região Metropolitana de Belém (RMB), no estado do Pará. A escolha de Ananindeua ocorreu devido este ser o segundo município mais populoso do estrado do Pará, perdendo apenas para a capital Belém.

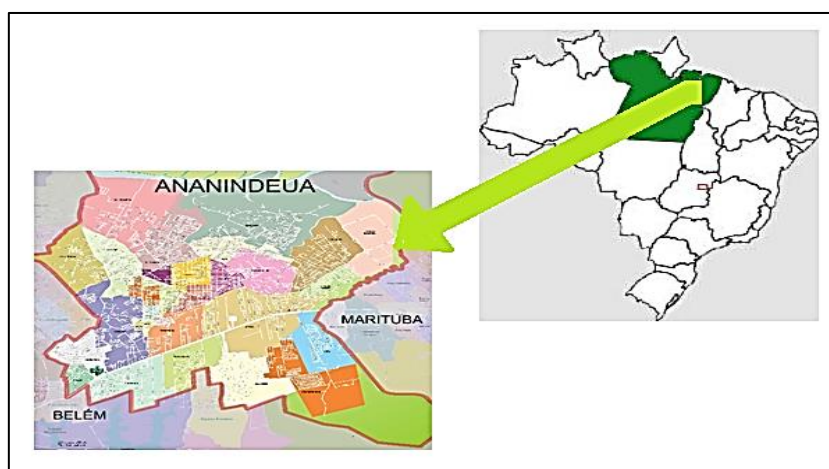


Figura 1: Mapa do município de Ananindeua.

O nome desse Município advém da abundância de árvores denominadas ANANI, que cresciam à margem do igarapé que recebeu o nome de Ananindeua. Vele ressaltar que este possui população estimada em 2009 era de 505.512 habitantes, além

de uma área de 191,42,9 km². Todas estas informações estão contidas no site oficial² do município de Ananindeua.

Os sujeitos tanto do sexo masculino (M) quanto do feminino (F) foram estratificados de acordo com as variáveis extralinguísticas de status socioeconômico e grau de escolaridade. Considerando aqueles informantes que possuem renda, estes foram classificados em renda baixa e renda média (menos de 5 salários mínimos para renda baixa e mais de 5 salários mínimos para renda média). Quanto à escolaridade, os informantes foram classificados em nível superior e fundamental (Até o 9º ano). Nesse contexto, as características sociais dos informantes analisadas seguem a estratificação aleatória abaixo:

Escolaridade	
1	Ensino superior
2	Ensino fundamental
Renda	
M	Renda média
B	Renda baixa

Tabela 1: nomenclatura adotada para as variáveis extralinguísticas

Quanto ao condicionador interno à língua foi adotado o critério fonético-fonológico. A tonicidade é um fator relevante, nesse contexto o presente estudo visa analisar se a monotongação possui alguma influência do acento da sílaba em que ocorre o ditongo.

Os seis informantes foram apresentados no plano de amostra abaixo para possibilitar a visualização de acordo com cada característica social adotada:

² Disponível em: <<http://www.ananindeua.pa.gov.br/#page.index.view?pg=oMunicipioPrefeitura>>. Acesso em 16 de outubro de 2015.

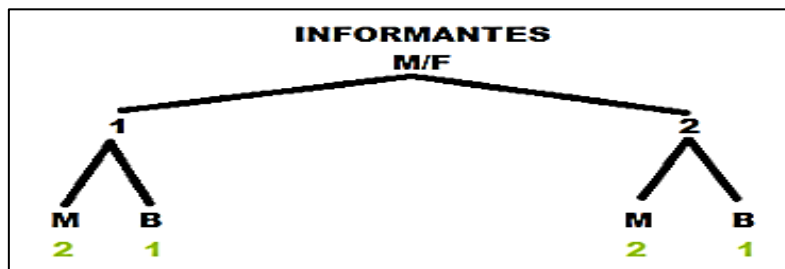


Figura 2: Plano de amostra dos informantes

Os dados coletados nas entrevistas sociolinguísticas foram em formas de narrativas pessoais sobre um fato importante na vida do sujeito, registradas em gravador de voz do aparelho celular Samsung Galaxy Win Duos. Quanto ao levantamento dos dados procedeu-se à escuta das narrativas dos informantes e, por conseguinte a transcrição fonética de todas as ocorrências do ditongo [ow] e do monotongo [o], a partir das normas de Castilho & Preti (1986) e Marcuschi (2003). Nessa perspectiva, foram registradas 273 ocorrências da ditongação, em especial 23 foram de /ow/, além de 24 ocorrências de monotongação.

Na triagem ocorreu a separação dos dados, com o objetivo de analisar cada fenômeno, em /ow/ e o /o/, onde ocorreu a supressão da semivogal. Partindo do princípio da análise fonética é necessário atribuir um tratamento quantitativo aos dados coletados. Por fim, a análise probabilística utilizada com o objetivo de calcular e determinar matematicamente questões de ocorrência e porcentagem foram exemplificadas por meio de tabelas e gráfico.

4 Análise de dados e discussão dos resultados

O fenômeno da monotongação consiste no apagamento da semivogal do ditongo oral decrescente (LOPES, 2002; PEREIRA, 2004; CRISTOFOLINI, 2011). Nessa



leitura, o fenômeno que aparece com mais frequência nas amostras analisadas é o da monotongação.

FENÔMENO	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
[OW]	23	49%
[O]	24	51%
TOTAL	47	100%

Tabela 2: Dados estatísticos da amostras analisadas

Dialogando com Lopes (2002), Pereira (2004) e Cristofolini (2011) quanto a superioridade nas ocorrências do monotongo em detrimento do ditongo conservado. Dessa forma, a seleção realizada pelo falante do PB em Ananindeua é pela norma não padrão, segundo Bagno (2007), um falar espontâneo, sem policiamento ou monitoramento.

O processo de monotongação ocorre com mais frequência devido o ditongo sofrer o processo de monotongação em qualquer contexto fonético, fato comprovado por meio da porcentagem apresentada por [o] em detrimento do ditongo [ow]. Nesse contexto, aplica-se a regra da supressão da semivogal, como: a) *pouco* ~ *poco*; b) *tocou* ~ *toco*; c) *parou* ~ *paro*.

Para Gomes; Souza (2004) a mudança na unidade sonora é um fator relevante nas línguas naturais. Dessa forma, a variável interna à língua analisada é a fonético-fonológica. Nesse sentido, faz-se necessário analisar a tonicidade da sílaba, ou seja, se o [o] é propenso à tônica, pré-tônica ou átona.

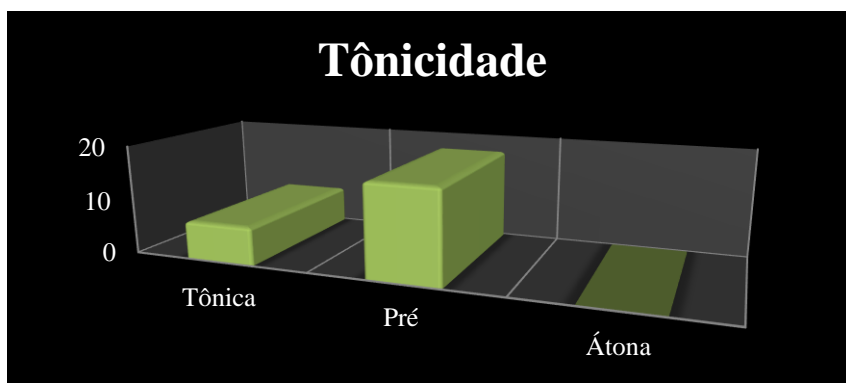


Gráfico 1: ocorrências do [o] quanto à tonicidade.

A ocorrência do [o] está propensa a ocorrer no contexto pretônico na sílaba em detrimento das posições tônica e átona. Foram registradas 19 monotongações no cenário pretônico, marcando a frequência de 76%, em detrimento de 6 monotongações marcando a tônica, com frequência de 24%. Vale ressaltar que a tonicidade na posição de átona, não foi registrado nenhuma monotongação.

Ocupando-se com as variáveis sociais as pesquisas analisadas na área da variação linguística no presente trabalho apontaram a influência da escolaridade como fator favorecendo o uso da forma padrão, ou seja, o ditongo conservado. Observa-se isto se confirma para as amostras de fala sob investigação, os informantes foram separados em níveis de escolarização.

Nesse contexto, verificou-se que os informantes com nível médio são tendenciosos a pronunciar o [o], para comprovar o fato, a frequência da monotongação foi de 57% em relação aos 43% do ditongo conservado. Quanto aos informantes com o nível superior verificou-se que a frequência do ditongo conservado e do monotongo é a mesma, totalizando 13 ocorrências para cada, logo a porcentagem de 50%.

ENSINO MÉDIO		
	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
[OW]	9	43%
[O]	12	57%
TOTAL	21	100%
ENSINO SUPERIOR		
	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
[OW]	13	50%
[O]	13	50%
TOTAL	26	100%

Tabela 3: Ocorrências e porcentagens dos informantes com nível médio e superior.

O critério econômico é relevante como característica social para a compreensão do fenômeno estudado, logo a renda social foi subdividida em dois grupos. A renda baixa e a renda média caracterizam uma relação de antagonismo de grupos econômicos na sociedade capitalista.

Verificou-se que os informantes com menos de cinco salários mínimos e com mais de cinco salários mínimos estão propensos a pronunciar a monotongação, como exemplifica a tabela abaixo:

CLASSE B		
	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
[OW]	8	44%
[O]	10	56%
TOTAL	18	100%

CLASSE A		
	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
[OW]	16	62%
[O]	10	38%
TOTAL	26	100%

Tabela 4: produção do ditongo conservado e do monotongado pelas classes sociais estratificadas.

Diante da informação, a disputa de duas variantes linguísticas, no caso do [ow] e do [o] caracterizam os usos diferenciados da linguagem na sociedade, para Bourdieu (1996):

“Os usos sociais da língua devem seu valor propriamente social ao fato de se mostrarem propensos a se organizar em sistemas de diferenças (entre as variantes prosódicas e de articulação ou lexicais e sintáticas), reproduzindo o sistema das diferenças sociais na ordem simbólica dos desvios diferenciais. Falar é apropriar-se de um ou de outro dentre os estilos expressivos já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes. Estes estilos, sistemas de diferenças classificadas e classificantes, hierarquizadas e hierarquizantes, marcam aqueles que deles se apropriam.” (p. 41).

Em suma, o fenômeno estudado foi encontrado com facilidade nas amostras de fala dos informantes, facilitando o tratamento das informações e por consequência a codificação destas. Nesse contexto, é importante ressaltar que o fenômeno da variação

recebe influências sociais dos que utilizam a língua, fato comprovado por meio da variável interna e as variáveis sociais analisadas no presente estudo.

Considerações finais

Pode-se concluir que os estudos referentes ao fenômeno da monotongação estão sendo realizados por todo o país, em especial, os ressaltados no presente artigo apresentam resultados que convergem no que se refere ao apagamento da semivogal do ditongo oral decrescente /ow/. Não obstante o presente estudo comprovou o apagamento do ditongo /ow/ no português falado em Ananindeua/PA, prevalecendo o monotongo [o].

A variação da linguagem foi comprovada com a mudança em curso do monotongo, além da disputa das variantes linguísticas em uma comunidade linguística. A variante padrão ou de prestígio, na qual consiste no ditongo conservado teve ocorrência de 49% em relação aos 51% da variante não padrão, fato que comprova a seleção realizada pelo informante no ato da fala.

O apagamento do ditongo oral decrescente é tendencioso ocorrer em sílabas na posição pretônica em detrimento da posição tônica. Nesse viés, pode-se afirmar que há um predomínio na região da produção da monotongação no cenário pretônico, como em: *atirou ~ aTIro*.

O nível de escolaridade é uma variável social determinante, visto que a monotongação para Lopes (2002) sofre influência desse fator. Dessa forma, verificou-se que os informantes menos escolarizados estão mais propensos ao apagamento da semivogal do ditongo /ow/, em relação aos mais escolarizados. É importante fazer considerações aos informantes com o nível superior, estes tiveram 50% tanto para a conservação do ditongo e do monotongo, como exemplifica a tabela 3.

A variável social de status socioeconômico é bastante contrastante devido à subdivisão realizada na estratificação dos informantes. Pode-se concluir que os



informantes da estratificados na Classe B estão mais propensos à produção do monotongo em relação ao ditongo conservado, quanto aos que possuem poder aquisitivo mais elevado verificou-se que estes produzem mais o ditongo conservado em relação ao monotongado.

Em suma, a presente pesquisa ocupou-se com o fenômeno do apagamento do ditongo oral decrescente e obteve resultados que comprovam que a língua não é um sistema fechado que não apresenta variação com o tempo. Quanto ao condicionador interno e as características sociais apresentadas configuram um quadro já conhecido pelos sociolinguístas, no que se refere à relação linguagem e sociedade, sendo que o meio interfere diretamente na língua.

Referências

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística: objetos teóricos**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Trad. MICELI, Sergio. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CASTILHO, Ataliba de; PRETI, D. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1986.
- COELHO, Izet L.; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria H.; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CRISTOFOLINI, Carla. **Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística**. Revista da ABRALIN, v.10, n.1, p. 205-229, jan./jun. 2011.



GOMES, Christina Abreu; SOUSA, Cláudia Nívia Roncarati de. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Alexandra Mouzinho de. **Inserção e apagamento de [w] em posição de coda**: uma análise pela Geometria de Traços. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em tubarão (sc)**: estudo de casos. Dissertação de Mestrado – Unisul. Tubarão, 2004.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TARALLO, Fernando. **Tempos Linguísticos**. São Paulo: Atica, 1989.

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

Recebido Para Publicação em 28 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 26 de maio de 2017.